



A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA INDÚSTRIA CULTURAL NA PERSPECTIVA DE THEODOR ADORNO

THE EDUCATION IN THE CONTEXT OF THE CULTURAL INDUSTRY FROM THEODOR ADORNO'S PERSPECTIVE

Elias Gonçalves Rodrigues

Graduado em Filosofia pela UVA
Membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Ensino de Filosofia – UVA/CNPq
sitebomdever@gmail.com

Ermínio de Sousa Nascimento

Doutor em Educação pela UFC
Professor Adjunto do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UVA
nascimento_erminio@uvanet.br

Resumo

A educação, no contexto globalizado, é uma ferramenta para a formação de indivíduos adaptados aos interesses do capitalismo. No entanto, essa educação também é concebida como possibilidade de resistência ao que diminui a autonomia das pessoas na sociedade. A denúncia recai sobre o modelo educacional predominante, que, em vez de buscar a emancipação do indivíduo, o manipula sem uma reflexão crítica. O uso dos meios de comunicação de massa exemplifica bem os *modus operandi* do sistema capitalista para manter os *status quo* da sociedade burguesa. Nesse contexto, que “tipo” de educação é viável para formar pessoas para se contrapor aos mecanismos de dominação da sociedade vigente? Tal educação não pode se limitar apenas a adaptar os indivíduos ao mundo. Ela precisa valorizar a autorreflexão para potencializar a resistência contra as estratégias do capitalismo que converte a cultura em semicultura e a formação em semiformação. A “Indústria Cultural” é um dispositivo que promove a massificação das pessoas por meio da padronização do comportamento e pela produção em série de artefatos e pelo entretenimento.

Palavras-chave: Indústria cultural; Educação; Sociedade capitalista; Barbárie.

Abstract

Education, in the globalized context, is a tool for training individuals adapted to the interests of capitalism. However, this education is also conceived as a possibility of resistance to what diminishes people's autonomy in society. The complaint focuses on the predominant educational model, which, instead of seeking the emancipation of the individual, manipulates him without critical reflection. The use of mass media exemplifies the *modus operandi* of the capitalist system to maintain the status quo of bourgeois society. In this context, what “type” of education is viable to train people to oppose the mechanisms of domination of the current society? Such education cannot be limited to adapting individuals to the world. It needs to value self-reflection to enhance resistance against the strategies of capitalism that convert culture into semi-culture and training into semi-education. The “Cultural Industry” is a device that promotes the massification of people through the standardization of behavior and the mass production of artifacts and entertainment.

Keywords: Cultural industry; Education; Capitalist society; Barbarism.

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo explicitar a problemática da educação em um mundo globalizado, a qual é frequentemente utilizada como uma ferramenta para a formação de profissionais, negligenciando a dimensão crítica, reflexiva e ética, resultando na desumanização do indivíduo, adaptando-o aos interesses das classes dominantes da sociedade capitalista. Em vez de buscar a emancipação do indivíduo, a educação muitas vezes o manipula através de práticas operacionais, transmitindo conteúdos sem promover reflexões, voltados para uma repetição acrítica, e por vezes, utilizando-se dos meios de comunicação para atender às demandas do mundo capitalista. Com isso a pergunta que se põe é: que “tipo” de educação é viável para formar pessoas que possam se contrapor aos mecanismos de dominação da sociedade vigente?

Para responder essa questão, recorreremos a Theodor Adorno (1903 – 1969), em seu texto *Educação e Emancipação*, no qual ele concebe a “[...] educação dirigida a uma auto-reflexão crítica” (ADORNO, 1995, p. 121) com intuito de evitar que atos de barbárie se repitam. No entanto, ele denuncia que prevaleceu na sociedade capitalista um modelo de formação cultural que permite os indivíduos a terem acesso a bens culturais enquanto mercadorias, levando o autor a denominá-la de semiformação.

Essa semiformação se configura como a dimensão da educação de adaptar os indivíduos ao mundo no qual estão inseridos, primando “[...] pela aquisição do conhecimento científico para potencializar a produção de mercadorias, adaptando-se à ordem social vigente” (NASCIMENTO, 2018, p. 70). Mesmo que essa etapa seja necessária se efetivar pela ótica do autor, é preciso ir além dela, uma vez que se observa, no seio da sociedade, a ideologia da classe dominante, proliferada pela indústria cultural, sobre os trabalhadores, gerando a exploração e desigualdade social (cf. ADORNO, 1995). Essa ideologia retira das pessoas as suas singularidades para formar especialista que serve como métrica de competição no mercado de trabalho. Essa adaptação que aliena e mitiga as potencialidades culturais das pessoas são vistas como necessárias para sua própria sobrevivência, sob uma condição limitada aos interesses do capitalismo.

Diante do exposto acima, vale ressaltar a outra dimensão da educação, vista por Adorno (1995) como forma de potencializar nos indivíduos a resistência aos mecanismos de exploração social e padronização do comportamento no seio da sociedade. Para isso,

precisa-se conduzir a educação para a autorreflexão dos indivíduos para avaliarem a sua condição no mundo. Assim sendo, por um lado, é função de a educação adaptar os indivíduos ao mundo socialmente constituído e, por outro lado, potencializar a resistência contra a tudo que reduz a sua singularidade. Nesse aspecto, conforme Nascimento, tem-se que o pensar se efetiva por experiências intelectuais, identificando na sociedade os mecanismos de dominação que massificam as pessoas enquanto problemas a serem enfrentados. Os problemas sociais geram o conteúdo para o pensar, concebendo o filosofar enquanto exercício constante de autorreflexão. Nesse processo de autorreflexão, aplicado ao pensar é “[...] que se reconhece a relevância da filosofia e também a sua limitação frente à existência na sociedade e para a formação do sujeito autônomo” (NASCIMENTO, 2018, p. 93).

Essa forma de pensar, talvez seja um dispositivo de enfrentamento, enquanto denúncia dos *modos operandi* do sistema capitalista que, por meio da indústria cultural, promove a cultura de massa, nulificando a subjetividade das pessoas na sociedade. Os meios de comunicação que até então aparentemente promovia a formação cultural dos indivíduos, convertem-se em empresa para vender bens culturais, tendo em vista o lucro do capitalista à custa da exploração dos consumidores.

2. Cultura de massa

A Cultura de massa é produzida pelo sistema capitalista como uma estratégia de massificar as pessoas através da comercialização e bens culturais, na concentração de riquezas nas mãos de poucos conglomerados de mídia, na manipulação de desejos e valores por meio da publicidade, em um processo de alienação e conformismo das pessoas em relação às culturas impostas nas grandes mídias.

O processo de massificação dos indivíduos, especialmente pelos meios de comunicação, tem o poder de alcançar e moldar pessoas. Essa influência padroniza o comportamento dos indivíduos para agir no mundo, seja pelo consumo, trabalho, lazer e nas interações sociais em geral.

Para a efetivação da massificação, Adorno e Horkheimer (1985) enaltecem que os principais meios de comunicação dos meados do século XX eram o cinema, o rádio e a televisão, que já tinham um alcance de milhões de pessoas. As mídias de comunicação de

massa que, segundo Adorno, serviam principalmente aos interesses comerciais, contribuindo para a padronização e homogeneização da cultura. Para eles:

O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 114).

No caso da televisão, tem-se como difusora da reprodução de um esquema premeditado ao consumismo, e a racionalização sendo levada à irracionalidade crítica do conteúdo absorvido em cada som e em cada imagem, conduzindo o espectador a não ter um pensamento próprio (cf. ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

O que acontece é que os indivíduos consomem os produtos, mas continuam insatisfeitos e sem fazer uma análise crítica da real necessidade de consumi-los. A felicidade parece estar condicionada a aquisição compulsiva de novos produtos, sobretudo, os lançamentos tecnológicos. Nessa perspectiva, “A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 125).

O sistema capitalista usando os meios de comunicação, procura sempre demonstrar uma necessidade¹ de comprar novos produtos, seja por uma questão de atualização, de alteração de um pequeno detalhe ou a compra de produtos tecnologicamente avançados na busca de estabelecer uma posição social de *status*. Para isso promove-se uma manipulação do pensamento sobre as necessidades do indivíduo, não das necessidades básicas, como comida, vestimenta e moradia, mas de produtos que devem ser consumidos incessantemente para manter a lógica de produção do sistema capitalista.

Esse sistema incita ao consumismo em demasia de todas as classes sociais. A classe dominante e o próprio estado influenciam nas decisões econômicas de consumo, que ferem a autonomia da população, com discurso de facilitação o crédito, incentivando a população a comprar com o pretexto da necessidade de aquecimento da economia. Em um processo através do qual as pessoas vão sendo alienadas pelo sistema capitalista, modelando o comportamento delas, transformando-as em produto de valor de troca, ou

¹ Para enaltecer o consumo de forma automatizada sem distinguir o que vem a ser uma necessidade vital de desejos induzidos pelo sistema capitalista, Marcuse afirma que: “[...] a questão sobre quais necessidades devem ser falsas ou verdadeiras só pode ser respondida pelos próprios indivíduos, mas apenas em última análise; isto é, se e quando eles estiverem livres para dar a sua própria resposta. Enquanto eles forem mantidos incapazes de ser autônomos, enquanto forem doutrinados e manipulados [...] as respostas que derem a essa questão não pode ser tomada por sua” (MARCUSE, 1967, p. 27).

profissionais que venderão sua mão de obra para o capitalismo. Acerca disso Nascimento afirma que:

Para assegurar a efetividade das pseudonecessidades na vida das pessoas, a sociedade tecnológica recorre ao mecanismo de controle do comportamento humano que se apresenta para satisfazer as necessidades dos indivíduos, reduzindo o tempo gasto na execução das ações, bem como os ‘custos’ associados a elas (NASCIMENTO, 2018, p. 60).

Apesar do avanço da tecnologia trazer melhorias para a vida em sociedade, tais como: na saúde, com a descoberta de vacinas, por exemplo, que combate doenças infecciosas; na educação, com atividades remotas em tempo real; no setor energético, com a utilização de energias renováveis entre outros, tem-se, talvez o risco de que a necessidade de reflexão crítica e tomada de decisões autônomas seja diminuída. A tecnologia que facilita tarefas simples pode também comprometer a habilidade do indivíduo em desenvolver e aplicar suas próprias capacidades cognitivas na tomada de decisões.

Para ilustrar como se dá as interferências da tecnologia na decisão dos indivíduos, Adorno (1995) concebe que a televisão desempenha um papel crucial na disseminação de ideologias, influenciando de maneira distorcida a consciência dos espectadores e moldando concepções coletivas. Ele destaca que:

[...] estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontram atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza (ADORNO, 1995, p. 155).

Tal problema é melhor compreendido com os *modus operandi* da indústria cultural, enquanto estratégia do sistema capitalista para manter os indivíduos adaptados aos mecanismos de dominação da sociedade burguesa, seja pelo consumo, pelo trabalho na linha de produção ou pelo entretenimento. Mas como opera a indústria cultural? Para responder essa pergunta recorreremos a Adorno e Horkheimer (2009) no texto “Indústria Cultural: o iluminismo como mistificação das massas”, que é objeto de análise do item seguinte.

3. Indústria cultural

Pensar a indústria cultural no contexto do pensamento de Adorno (2009), passa pela compreensão de que os indivíduos são educados para a passividade tendo em vista o consumo em massa. Deste modo, a liberdade que deveria ser alcançada pelo processo formativo é negada no seio da sociedade, sobretudo, pelo uso dos meios de comunicação e o uso de perguntas retóricas, tais como:

Que é que a gente quer? consiste em se dirigir às pessoas fingindo tratá-las como sujeitos pensantes, quando seu fito, na verdade, é o de desabitua-las ao contato com a subjetividade. Se algumas vezes o público recalitra contra a indústria do divertimento, trata-se apenas da passividade — que se tomou coerente — para a qual ela o educou. Isso não obstante o entretenimento se tornar cada vez mais difícil (ADORNO; HORKHEIMER, 2009, p. 6).

A indústria cultural é um instrumento de manipulação das consciências, operando como estratégia do sistema capitalista para perpetuar a sua existência, garantir a sua continuidade e exercer controle sobre os indivíduos. Tal controle se dá por diversos meios, como por exemplo, o entretenimento veiculado pela tv,² cinema entre outros, que padronizam o comportamento dos indivíduos influenciados pelos personagens apresentados pelos meios de comunicação.

As diversas formas de entretenimento e informação, padronizados e produzidos em massa que servem não apenas como fonte de diversão passiva, mas também como círculo de influência do pensamento e do comportamento, havendo uma manipulação, segundo Adorno, que contribui para a conformidade dos indivíduos com as normas sociais, reforçando assim as estruturas de poder existentes e inibindo o pensamento crítico. Assim,

² Acerca disso Nascimento ao explicar a compreensão adorniana de pergunta retórica, articulando com a Rede Globo de Televisão acerca de dá a oportunidade para as pessoas pensarem sobre “O Brasil que elas querem para o futuro”, afirmando que: “A diversão – enquanto um dos aspectos da cultura – assume uma dimensão superficial na vida dos indivíduos em sociedade, que tem como significado ‘[...] não ter que pensar [...] esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado’ (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119). Pela diversão o homem se adapta à realidade sem se esforçar para pensá-la criticamente. A ele é concedido o direito de dizer o que pensa, mas tal direito está fundamentado numa pergunta retórica, formulada como se segue: – ‘[...] o que é que as pessoas querem?’ (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119) – ou na versão reformulada pela Rede Globo de Televisão, no início de 2018 – ‘Qual é o Brasil que você quer para o futuro?’ – para isso, faça um vídeo divulgando a cidade de onde você está falando. Ao fazer tal pergunta, a indústria cultural, personificada nos dirigentes daquela emissora, dirige-se ‘[...] às pessoas como sujeitos pensantes, quando sua missão específica é desacostumá-las da subjetividade’ (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119). Ao responder à questão posta pela Rede Globo de Televisão de forma afirmativa, apesar de dar a sensação de que se tem liberdade de dizer o que se pensa, de fato, se está apenas atendendo a um apelo feito por outro. Como reforço positivo para a realização dessa ação – moeda de troca –, a emissora promete propagar a imagem do emissário e de sua cidade ao vivo, em suas afiliadas em todo Brasil. No slogan da referida emissora sobre a questão, afirma-se que o envio do vídeo oportuniza a efetivação de sua cidadania por 15 segundos” (NASCIMENTO, 2018, p. 63).

a indústria cultural seria um mecanismo através do qual o sistema procura preservar o seu domínio e subjugar os próprios indivíduos.

Na realidade, é por causa desse círculo de manipulações e necessidades derivadas que a unidade do sistema torna-se cada vez mais impermeável. O que não se diz é que o ambiente em que a técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a mesma sociedade (ADORNO; HORKHEIMER, 2009, p. 6).

A manipulação se realiza nessa sociedade pelos interesses dos capitalistas, em apresentar uma programação que gere lucro na exposição de produtos pelos personagens através de um entretenimento que consiga abranger o maior público possível, o sistema capitalista se utiliza de diversas estratégias de dominação da audiência, tais como: “manipulação retroativa” e “expropriação do esquematismo”.

Na compreensão de Duarte (2008), tem-se que Horkheimer e Adorno chamaram de “manipulação retroativa”, aquilo que as pessoas pensam que estão escolhendo o que elas desejam, quando na verdade, elas escolhem aquilo que querem que escolham, pois previamente foram feitas pesquisas das tendências psicossociais que orientam a oferta de produtos naquele período de tempo.

Outra estratégia é através da “expropriação do esquematismo”, na qual a intuição e a imaginação são estimuladas através de “chaves” de interpretação dadas para suas percepções. Estas são inseridas nos conteúdos veiculados, aparentando uma racionalidade. No entanto, por meio de uma percepção habitual, seriam apenas ideologias dirigidas pela indústria cultural para conduzir o indivíduo à irracionalidade do consumo, sendo que todos estes já tenham sido esquematizados pela indústria de produção (cf. DUARTE, 2008).

Considerando o exposto acima, a Indústria Cultural é caracterizada pelas suas diversas capacidades de alcançar segmentos e operar conforme os princípios da lógica de mercado. Sua natureza dinâmica permite uma constante adaptação e uma ampla receptividade de diversas manifestações culturais.

Ao longo do século XX, a indústria hollywoodiana concebeu narrativas em histórias que colocavam os Estados Unidos e seus cidadãos como protagonistas, retratando em uma posição superior, como os mais civilizados e salvadores do mundo. Em contrapartida, outras nações eram representadas como coadjuvantes e inferiorizadas (cf. DUARTE, 2008). Muitas dessas histórias pareciam condicionar o subconsciente dos espectadores ao

redor do mundo, desde a infância, para aceitar a dominação ideológica norte-americana e adotar o estilo de vida americano.³

[...] O filme pode até mostrar Paris, onde a jovem americana pensa realizar seus sonhos na mais completa desolação, para, tanto mais inexoravelmente, empurrá-la nos braços do jovem astuto compatriota que poderia ter conhecido em seu país. Que tudo em geral funcione, que o sistema, mesmo na sua última fase, continue a reproduzir a vida dos que a formam, em vez de eliminá-los, de súbito é-lhe creditado como mérito e significado (ADORNO; HORKHEIMER, 2009, p. 28).

Seguindo a lógica do capital que promove ferramentas de manipulação como, por exemplo, a moda, com suas novidades e as aparências que tendem a determinar as condições sociais, a moda que periodicamente muda, para que o mercado têxtil continue produzindo e vendendo em escala mundial. Para ilustrar essa questão, tem-se como exemplo:

[...] o biquíni que a influenciadora digital Jade Picon, que possui mais de 20 milhões de seguidores (em suas redes sociais), usou durante a sua participação no *Reality Show Big Brother Brasil 2022*. Após a sua aparição na piscina, usando um biquíni de crochê, o registro desse momento se tornou uma das mais compartilhadas por jovens em suas redes sociais com comentários elogiando o biquíni de crochê. Dias depois, os programas matinais de televisão já anunciavam em reportagens o sucesso que a peça de crochê estava fazendo (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2022, p. 111).

Esse procedimento expressa a manipulação que os meios de comunicação representam para a vida dos indivíduos em sociedade, sobretudo com o advento da *internet* que potencializa mais ainda o alcance dos *modus operandi* da indústria cultural sobre a vida das pessoas em sociedade, promovendo a sensação nelas de que são autônomas na tomada de suas decisões, mesmo sendo guiadas por outras pessoas, a exemplo de Jade Picon.

Nessa perspectiva, tem-se que a indústria cultural usa de artifício para controlar duplamente as pessoas em sociedade. Ela fabrica a imagem de personagem com o perfil de interferir no “gosto” das pessoas, tornando-as seguidoras, ao mesmo tempo, que essas seguidoras definem o “tipo” de conteúdos que o(a) influenciador(a) deve postar em suas redes sociais. Essa lógica caracteriza o processo de adaptação das pessoas aos mecanismos da sociedade, tornando-as impotentes para se contrapor a eles. Quem não se adaptar ao seu imperativo passa a ser marginalizado, de modo que “os provincianos que, contra o cinema

³ Tem-se, pela ótica de Nascimento (2018), que: “[...] os Estados Unidos passaram a influenciar a formação da consciência do indivíduo, padronizando o consumo de conteúdos culturais fabricados que transformam personagens em mitos que passam a ocupar o lugar que até então era de natureza divina na vida das pessoas. Os artistas da indústria cinematográfica norte-americana passam a ser referência na elaboração e divulgação desse tipo de bens culturais que é consumido no mundo capitalista. A música deixa de ser uma expressão artística, no sentido de expressar a vida humana por meio da arte, da poesia, para se esvaziar em palavreiro que agride as pessoas. As palavras fazem parte de um repertório previamente pensado e aprovado pelo mercado capitalista que censura o que estiver fora desse padrão” (NASCIMENTO, 2018, p. 84).

e o rádio, recorrem à eterna beleza ou ao teatro amador, já estão politicamente no posto para o qual a cultura de massa ainda empurra os seus” (ADORNO; HORKHEIMER, 2009, p. 28).

Esse entendimento expressa não apenas a mercantilização generalizada de todos os bens e serviços culturais, mas também aponta para a homogeneização e simplificação desses produtos para que atendam as pseudonecessidades criadas pelo capitalismo e aos interesses comerciais das classes dominantes. É diante dessa configuração dos mecanismos de dominação que as pessoas estão inseridas no seio da sociedade capitalista que se busca compreender até que ponto é possível pensar a educação para além da adaptação?

4. Desafios da educação com funções ambíguas

O esforço para responder a pergunta acima, considera a compreensão adorniana de que a educação tem dupla função: adaptação e resistência. No que diz respeito a adaptação do indivíduo no mundo, sendo esta, um dever da educação para adaptar as pessoas às realidades inerentes em sua própria sobrevivência (cf. ADORNO, 1995). Porém se a educação se limitar apenas a essa dimensão, como ela poderia promover uma emancipação nos indivíduos? Considerando os *modus operandi* do capitalismo através das estratégias da indústria cultural de promover uma impotência reflexiva nas pessoas no seio da sociedade, o que esperar da educação? Para Adorno,

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambiguidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela (ADORNO, 2006, p. 142).

Enquanto a educação busca desenvolver nos indivíduos a consciência e a racionalidade crítica, muitas vezes ela se torna instrumentalizada para servir a agendas sociais ou econômicas. E em sua segunda dimensão que é a necessidade de uma abordagem mais reflexiva e crítica no campo educacional, uma resistência, buscando verdadeiramente cultivar a emancipação e à crítica reflexiva, para contrapor-se ao que limita a compreensão, restringindo a autonomia dos indivíduos, em prol da manutenção da desigualdade social.

A excessiva adaptação promovida pela educação em detrimento do desenvolvimento da capacidade de reflexão crítica e da formação de um pensamento

autônomo nos indivíduos levou Adorno a conceber a escola enquanto um instrumento da sociedade capitalista, agenciada pela indústria cultural, promovendo a transmissão de bens culturais como se fosse cultura autêntica. Talvez essa forma de conceber a educação seja por analogia aos meios de comunicação de massa enquanto promove uma semiformação como se fosse formação.

Essa semiformação, na sociedade capitalista assegura a heteronomia (ou seja, a sujeição do indivíduo à vontade de terceiros), fazendo o homem ser igual ao coletivo e perder, assim, sua individualidade.

Mesmo a diversão se alinha entre os ideais, toma o lugar dos bens superiores, pondo-se de frente para as massas às quais repetem de forma ainda mais estereotipada as frases publicitárias pagas pelos particulares. A inferioridade, a forma subjetivamente limitada da verdade, sempre foi, mais do que se imagina, sujeita aos padrões externos (ADORNO; HORKHEIMER, 2009, p. 24).

Essa cultura homogeneizada e padronizada é imposta pela indústria cultural e pelos meios de comunicação de massa, que operam como uma espécie de fábrica de consenso, impondo ideias e valores que são convenientes ao sistema capitalista, que segundo Adorno (1995), levou a humanidade a vivenciar a situação tão grave de barbárie na sociedade, usando como exemplo o terror de Auschwitz.⁴

Esse evento não pode ser esquecido. Para o autor cabe à educação evitar a sua repetição, embora seja possível isto ou casos semelhantes voltem a acontecer. “O encantamento do passado pôde manter-se até hoje unicamente porque continuam existindo as suas causas” (ADORNO, 1995, p. 49). Então é preciso estudar e comparar as circunstâncias históricas da época com a atual situação para estabelecer relações entre o passado e o presente, a fim de evitar a repetição dos erros do passado e construir uma sociedade mais justa e inclusiva. O conhecimento adquirido através da análise e reflexão sobre esse contexto pode ser usado como uma ferramenta valiosa para promover a tolerância, a empatia e o respeito pelas diferenças, e assim garantir a sobrevivência e o bem-estar da humanidade (cf. NASCIMENTO, 2018).

Nesse contexto, a educação é apresentada por Adorno (1995) como um meio de conscientização crítica da condição humana, possibilitando a formação de indivíduos capazes de refletir sobre suas ações e de se posicionar diante das questões sociais e

⁴ Auschwitz tornou-se para o mundo um símbolo do Holocausto, de genocídio e terror. Foi criado pelos alemães, na metade do ano de 1940, na periferia de Oświęcim, cidade polaca que foi anexada ao Terceiro Reich pelos nazistas. A cidade recebeu o nome alemão de “Auschwitz”, que foi usado também para determinar o nome do campo: Konzentrationslager Auschwitz (ŚWIEBOCKA; PINDERSKA-LECH; MENSFELT, 2010, p. 4).

políticas. A educação deve ser voltada para a formação de sujeitos críticos e autônomos, capazes de perceber as contradições da sociedade e de lutar contra as formas de dominação e opressão presentes na mesma.

Dessa forma, a educação é uma forma de resistência, na medida em que propicia a formação de indivíduos capazes de se contrapor às tendências regressivas e de atuar em prol da transformação social e da emancipação humana. A educação crítica, que privilegia a reflexão sobre a realidade e a busca por alternativas às situações de opressão e injustiça, é um caminho para a superação da barbárie e para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e solidária.

Talvez, nem toda violência possa ser considerada como barbárie, os movimentos estudantis que promovem manifestações pacíficas de luta pela melhoria da coletividade e moralmente justificada e dessa forma não é considerada como barbárie, diferente de quando, por exemplo, um grupo de pessoas que vão torcer por times, em um estádio de futebol, que acabam entrando em conflito com a polícia ou com os próprios torcedores, são atos de violência sem justificativa e condenáveis como barbárie e caracteriza-se como um processo “anticivilizatório”.

A educação terá a tarefa de interromper esse processo “anticivilizatório” e procurar realizar um movimento de emancipação do homem para transformar a situação em algo positivo e racional. Prevenindo de todas as formas de massificação do homem, a suas alienações, uma educação que evite a omissão frente ao terror que foi Auschwitz, contra manipulação das massas por lideranças controladoras e autoritárias em uma educação contra o nacionalismo extremo, portanto contra a possibilidade de uma nova barbárie sempre pela educação e conscientização de cada um.

A reflexão a respeito de como evitar a repetição de Auschwitz é obscurecida pelo fato de precisarmos nos conscientizar desse elemento desesperador, se não quisermos cair presas da retórica idealista. Mesmo assim é preciso tentar, inclusive porque tanto a estrutura básica da sociedade como os seus membros, responsáveis por termos chegado onde estamos, não mudaram nesses vinte e cinco anos (ADORNO, 1995, p. 120).

Os acontecimentos de forma nenhuma devem ser desconsiderados ou minimizados. Adorno, que teve sua própria experiência pessoal com o exílio e o antissemitismo, via o Holocausto como uma manifestação extrema da barbárie humana. Ele argumentava que entender o que aconteceu em Auschwitz era essencial para evitar a repetição de tais atrocidades e enfatizava a necessidade de confrontar criticamente as condições sociais e psicológicas que possibilitaram tal horror. Considerar os eventos de

Auschwitz como uma aberração isolada seria, para Adorno (1995), uma forma de negação da capacidade humana para a barbárie e uma recusa em enfrentar as complexidades morais e sociais que permitiram tais atrocidades ocorrerem.

Através da psicologia observando os objetivos nos próprios sistemas sociais; os movimentos sociais que, independentemente da alma particular dos homens individuais, geram algo como a barbárie, como consequência do que Adorno chamava de “Falência da Cultura”, resultado da perda de vitalidade e significado na cultura contemporânea, atribuindo isso à influência da indústria cultural e à transformação das expressões artísticas em bens culturais ou mercadorias (cf. ADORNO, 2006).

O momento pelo qual a obra de arte transcende a realidade é, com efeito, inseparável do estilo, mas não consiste na harmonia realizada, na problemática unidade de forma e conteúdo, interno e externo, indivíduo e sociedade, mas sim nos traços em que aflora a discrepância na falência necessária da apaixonada tensão para com a identidade (ADORNO, HORKHEIMER, 2009, p. 14).

A possibilidade de solução seria através da educação, fazendo com que as pessoas comecem a ser inteiramente tomadas pela aversão à violência física, tendo na formação de profissionais indícios do desenvolvimento da sociedade, articulando-se com a formação cidadã dos indivíduos. Nesse aspecto, a educação é concebida como a principal ferramenta para a conscientização de uma vida harmoniosa, contrapondo-se a qualquer forma de barbárie.

Será que os currículos educacionais incluem, além dos conhecimentos técnicos e habilidades profissionais, a formação cidadã, valores éticos e morais, respeitando os direitos humanos, diversidade cultural e ambiental, entre outros temas relevantes para a formação integral do indivíduo? Essa é uma questão que talvez seja relevante para ser pensada no contexto em que a indústria cultural interfere na formação, modelando pessoas para agir no mundo em conformidade com os interesses da classe dominante. Se a educação, potencialmente, pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e solidária, capaz de enfrentar os desafios do presente e do futuro; como fazer isso mantendo os *status quo* da sociedade vigente?

Essas questões não são resolvidas por procedimentos pedagógicos em sala de aula pelos professores, sem antes passar por políticas educacionais que venham se contrapor aos mecanismos de exclusão social presentes na sociedade capitalista. Com isso, espera-se que a educação seja ferramenta para que a sociedade não sucumba à violência, à barbárie, capacitando os indivíduos a questionar, analisar e desafiar as mensagens alienantes presentes na indústria cultural, promovendo uma compreensão das complexidades

humanas, com uma educação que incentive o pensamento reflexivo, resistindo aos impulsos violentos e desumanizadores que permeiam a cultura do poder.

Conclusão

De acordo com a visão de Adorno (1995), a educação deve ser um instrumento de afastamento da barbárie e de busca da emancipação humana. Ele defende que a educação deve promover a reflexão crítica sobre a realidade social, política e econômica, permitindo que os indivíduos desenvolvam uma consciência sobre as alienações presentes na sociedade e busquem formas de transformação social que levem à construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Para Adorno (1995), a educação não pode se limitar a transmitir conhecimentos técnicos ou a reproduzir as normas e valores do sistema vigente. A educação deve, além disso, buscar uma formação de indivíduos autônomos, críticos e capazes de pensar por si mesmos. Dessa forma, ela deve permitir aos indivíduos a tomada de consciência das dificuldades e desafios impostos pelo sistema socioeducacional vigente, que é pautado pelo capitalismo.

Portanto, é necessário que a educação atue como um projeto de construção social de conscientização e autonomia do homem. Isso implica em uma educação que respeite as diferenças individuais, que incentive o diálogo e o debate e que proporcione o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais. Somente assim, é possível que a ela se torne um instrumento efetivo de resistência e superação da barbárie, assegurando a promoção da emancipação humana.

É preciso lembrar que a educação não é apenas responsabilidade da escola ou dos professores. A formação de indivíduos críticos, conscientes e respeitosos é um processo contínuo e que envolve toda a sociedade. A sociedade tem um papel importante na formação da consciência humana, transmitindo valores éticos e morais que contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. Indústria cultural: o Iluminismo como mistificação das massas. In: ADORNO, T. **Indústria cultural e sociedade**. Seleção de textos Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

DUARTE, Rodrigo. Indústria cultural hoje. In. DURÃO, Fabio Akcelrud; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre Fernandez (Orgs). **Indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MARCUSE, H. **Ideologia da sociedade industrial**. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1967.

NASCIMENTO, E. de S. **A crítica da racionalidade técnico-científica e a formação do sujeito autônomo em Adorno no contexto da sociedade capitalista**. 2018. 136f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2018. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/34468>. Acessado em 10 de janeiro de 2023.

OLIVEIRA, Genilson da Conceição; NASCIMENTO, Ermínio de Sousa. “Cultura de massa e dominação no contexto da indústria cultural segundo Adorno e Horkheimer”. In. **Revista DoCentes**, Fortaleza, CE, v. 08, n. Dossiê V2. p. 107-114, março de 2023. (<https://periodicos.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/770/284>). Acessado em 25 de janeiro de 2024.

ŚWIEBOCKA, T; PINDERSKA-LECH, J; MENSFELT, J. **Auschwitz-Birkenau História E Presente**. Trad. KRAENSKI, Mauro Longaretti. Państwowe Muzeum Auschwitz-Birkenau. 2010.

Data da submissão: 30 Abr 2025.

Data do aceite: 01 Ago 2025.



Esta obra está licenciada sob licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/legalcode.pt>).